

Betinha Bandidona

Eu estava tomando um café e folheando um livro na Livraria Veredicto em Icaraí quando vi aquelas duas senhoras entrando. Sentaram-se à uma mesa relativamente próxima à minha, mas suficientemente distante para que eu não pudesse ouvir a sua conversa. Ambas deveriam andar pela faixa dos sessenta anos, embora muito bem conservadas e elegantes. Demorei um tempo para reconhecer que uma delas era Betinha Bandidona, com uma passagem marcante pelo bairro de Icaraí na década de 60. A outra não me era estranha, mas a minha mente teimava em não encontrar aquela imagem delgada e bonita, apesar da idade, na minha já desgastada memória.

A aula era de português mas ninguém dava a mínima bola para o que o professor falava. O colégio era a Escola Técnica e Comercial Martim Afonso de Souza e ali estavam reunidos os piores alunos de Niterói, aqueles que não conseguiam passar de ano em nenhum outro colégio e que os pais acabavam matriculando num curso noturno, na esperança de conseguir alguma ocupação, quem sabe um emprego, para o filho relapso no horário diurno. Quando Betinha Bandidona entrou na sala houve um silêncio de surpresa. O carteadado que rolava nos fundos da sala foi interrompido. Ela entrou sem pedir licença ao professor e sentou-se numa cadeira na primeira fila, o que não era comum nenhum aluno fazer. Alguém só se sentava na primeira fila quando não tinha lugar na parte de trás. Acendeu um cigarro e ficou olhando com cara de pouco caso para o professor enquanto jogava baforadas na sua direção. O mestre tinha uma cara de bebê gigante, branco e com fartas bochechas, que estava ali, no meio daquele antro dando aula, por necessidade financeira para custear os seus estudos na faculdade de economia. Quando acabou de fumar o cigarro, Betinha pegou uma lixa e começou a lixar as suas unhas. Conversando, depois, na secretaria eu soube que ela tinha sido expulsa do colégio onde estudava antes, e, como sempre acontecia com casos semelhantes, acabou sendo matriculada no Martim Afonso. A causa da expulsão tinha sido a prática de sexo em lugar público. A causa era vaga e estranha, pois ela estudava num colégio feminino administrado por freiras. O professor, que já estava um pouco constrangido com aquelas baforadas, resolveu tentar levantar um pouco a sua moral que já estava muito baixa, e achou que aquela moça ali na primeira fila poderia ser um caminho para a sua ascensão. Escolheu para isso uma pergunta bastante idiota:

– Como você pensa que vai passar de ano?

Betinha talvez estivesse esperando aquele momento para começar o seu show particular e constranger ainda mais o professor. Largou a lixa em cima da mesa, ficou em pé e levantou a saia, mostrando para o professor tudo o que tinha de baixo.

– Eu vou passar com isso aqui – foi o que disse.

O pobre mestre ficou com a sua cara de bebê gigante muito vermelha e o seu queixo literalmente caiu. A sala ficou em completo silêncio, pois ninguém queria quebrar aquele momento mágico, pois

Betinha tinha um corpo escultural. Passaram-se talvez um ou dois minutos e ela voltou a sentar-se. O professor, por outro lado, ficou imóvel, como que em estado hipnótico, olhando alguma coisa que já não se encontrava mais na sua frente, e, que muito pelo contrário já estava escondida. Betinha já ia acender outro cigarro quando notou o estado de hipnose do professor. Levantou-se e estalou os dedos no ouvido do homem. Ele como que acordou.

– Bem.... onde nós estávamos ... vamos continuar.

Do fundo da sala vieram os aplausos e os gritos de empolgação, pois todos também tinham voltado dos seus estados de hipnose coletiva.

– Grande Betinha! – alguém gritou.

No dia seguinte eu a encontrei sentada no pátio interno do colégio, na hora do recreio, lendo uma daquelas revistinhas de Carlos Zéfiro. Ao passar por ela e querendo puxar conversa eu falei:

– E aí, Betinha? Está gostando?

– Isso é uma boa porcaria. Revista de sacanagem escrita por homens e para homens lerem. Não existe nada aqui sob uma ótica feminina.

Pegou a revista e jogou na minha direção. Como a minha ótica era outra peguei a revista e rapidamente guardei no bolso da minha calça para poder depois ler com calma.

Poucos dias depois eu a vi entrando numa sala vazia com o tal professor com cara de bebê gigante. Ficaram lá dentro uns vinte minutos. Ela saiu fumando um cigarro e com cara de pouco caso e o pobre professor saiu todo amarfanhado e vermelho. Ao passar por mim ela comentou:

– O cara nunca tinha visto uma mulher nua na sua vida. Demorou um tempo enorme para encontrar o buraco e quando encontrou já não precisava mais dele.

Quando começaram a sair as notas, eu entendi o que significava realmente aquela saia levantada no seu primeiro dia de aula. Betinha Bandidona tinha tirado notas altíssimas e a sua menor tinha sido oito. A minha grande surpresa foi quando descobri que ela tinha tirado dez em matemática, cuja professora era Dona Ziná, que era a única que conseguia manter a moral dentro de sala. Dona Ziná também estava fazendo a faculdade e dava aulas para custear os seus estudos. Era muito nova e bonita, e, no meio daquele antro de maus elementos, mantinha a moral através da rigidez de comportamento. Era a única professora que exigia e conseguia respeito dos alunos. Eu fiquei tão intrigado que tive que perguntar a Betinha como ela tinha conseguido tirar dez com Dona Ziná.

– Eu ainda me caso com aquela mulher – foi o que disse com os olhos brilhantes.

Já se tinham passado talvez quarenta anos e lá estavam as duas sentadas naquele Café. Conversando como duas senhoras amigas. Sim, eu agora tinha reconhecido. Betinha Bandidona tinha se casado com Dona Ziná e as duas ainda viviam um grande amor.